



# Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

# **Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino**

**Atena Editora  
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino [recurso eletrônico] /  
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.1)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-85107-15-4  
DOI 10.22533/at.ed.154182208

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine  
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A arte acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Ao longo de toda a história teve diferentes funções: já foi forma de comunicação, magia, doutrinação e tantas outras, todas elas relacionadas ao modo de organização da sociedade.

E a função da arte na atualidade qual será? Entre tantas outras uma função que se destaca: é a da reflexão acerca da sociedade atual, do que nos é ofertado e do que ofertamos aos outros. Arte provoca sentimentos, sensações, desperta o homem para uma realidade que nem sempre se tem consciência, por isso está estruturada a partir dos diversos campos do conhecimento. É na arte que muitas minorias se apresentam, onde a representatividade e a expressão se fazem livres, de julgamentos, de pré-conceitos, de paradigmas sociais estabelecidos.

Entretanto toda reflexão, discussão, contradição da arte não se encerra na linguagem visual, teatral ou tantas outras possíveis, Na atual condição a arte precisa ser debatida, pensada e apresentada enquanto pensamento, em uma linguagem explícita e compreensível a todos. Esta é a proposta deste livro: apresentar as discussões, as reflexões sobre arte para a academia, para os estudiosos e estudantes.

Entre os capítulos a abrangência dessa expressão fica evidente, quando se discutem funções da arte na atual sociedade, como pode ser utilizada para despertar o olhar para a cidade, a inclusão da mulher em espaços de arte pouco comuns, a interdisciplinaridade possível através da representação botânica, a moda, a tecnologia e até mesmo a preocupação com a acessibilidade aos espaços da arte.

Discutir sobre a arte é necessário, é adquirir consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos, levando-os à reflexões, ao provocá-lo a compreender este universo tão amplo.

Enfim, como diz Alfredo Bosi: Arte é expressão, arte é conhecimento, arte é construção; com todas essas possibilidades as discussões são a ponta do novelo que nos conduz há um caminho de muitas perguntas, e nem tantas respostas, mas essa é a escolha de quem se permitiu ser contagiado pela arte!

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.<sup>a</sup> Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA	
<i>Ana Beatriz Campos Vaz</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
VIESES NEUROCIÊNCIAS DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ARTE	
<i>Samara Madureira Brito Korb</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ARTE	
<i>Maria da Penha Fonseca</i> <i>Renata Lucia de Assis Gama</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
O MEIO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA	
<i>Miguel Angel Ariza Benavides</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	
<i>Amanda Aguiar Ayres</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>52</b>
ARTE NOS LIVROS DO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM DOS FLAMBOYANTS DO COLÉGIO PEDRO II	
<i>Mônica de Mendonça e Sica Martins Aguiar</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
ARTE E TECNOLOGIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ANAIS DO CONFAEB SOBRE AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	
<i>Maria José Negromonte de Oliveira</i> <i>Taciana Pontual Falcão</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>93</b>
ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i> <i>Osimara da Silva Barros</i> <i>Najara Santos de Oliveira</i> <i>Luciane Ferreira Bomfim</i>	

*Valnice Sousa Paiva*  
*Jucineide Lessa de Carvalho*

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>103</b>
SOBRE OS MODOS DE APRENDER E ENSINAR: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA	
<i>Teresa Mateiro</i>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA	
<i>Marcos Vinícius Ferreira da Silva</i> <i>Leila Adriana Baptaglin</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
PRÁTICAS MUSICAIS INDÍGENAS: DO ESQUECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Warllison de Souza Barbosa</i> <i>Márcio Lima de Aguiar</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
O CORPO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇAS...	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i> <i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>149</b>
DESVELANDO CAMINHOS COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS	
<i>Lilian Freitas Vilela</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA	
<i>Edina Lucia Correia Azevedo</i>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Flávia Janiaski Vale</i> <i>Eric Vagner de Souza</i>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
O PRÉ-CINEMA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
<i>Fabiane Costa Rego</i> <i>Adriana Costa Rego</i>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>194</b>
PROCESSOS FORMATIVOS DO PROFESSOR E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS E SEU DESDOBRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<i>Fernanda Monteiro Barreto Camargo</i> <i>Gerda Margit Schütz Foerste</i>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>204</b>
QUANDO SAÍMOS DA INSTITUIÇÃO, ESTAMOS SÓS! TENSÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>223</b>
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA CLASSE DE ENSINO REGULAR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE E SEU ENSINO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA-RR	
<i>Ivete Souza da Silva</i> <i>Emmanuela Chuery Schardong de Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
POEMAS URBANOS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Eleni Jesus de Souza</i>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>257</b>
RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍSTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Fabício Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>267</b>
UMA VIVÊNCIA PLÁSTICA POR INTERMÉDIO DO MARCO – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MS	
<i>Patrícia Nogueira Aguenta</i>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>278</b>
A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES	
<i>Roseli Kietzer Moreira</i> <i>Lindamir Aparecida Rosa Junge</i>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>288</b>
O OLHAR FOTOGRÁFICO COMO POTÊNCIA CRÍTICA NA SALA DE AULA	
<i>Cláudia Mariza Mattos Brandão</i> <i>Guilherme Susin Sirtoli</i>	

**CAPÍTULO 26 ..... 299**

MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL: CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ  
EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN

*Jailson Valentim dos Santos*

**CAPÍTULO 27 ..... 314**

A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS  
ARTES VISUAIS

*Adriano Moraes de Freitas Neto*

*Gilberto Andrade Machado*

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 324**

## A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

**Adriano Moraes de Freitas Neto**

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE  
Fortaleza - CE.

**Gilberto Andrade Machado**

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE  
Fortaleza - CE.

**RESUMO:** Relato de experiência docente em Artes Visuais, de uma oficina de “fotografia cega” realizada na V Semana das Artes Cênicas no Curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal do Ceará-IFCE. Buscou-se a interlocução entre teoria e prática no processo de ensino em Artes Visuais, através de pesquisas acerca do conceito de experiência em Bondía (2002), da visão e imagem em Bavcar (1994) e Merleau-Ponty (2015) e da fotografia em Dubois (1993). Pensou-se como principal objetivo desta pesquisa propor um ensino de Artes Visuais, em específico de fotografia, que entenda a produção de imagens para além da visão e que propicie experiências em vez de informações. Como resultados surgidos nesta atividade, observou-se possibilidades de construção e reflexão sobre uma fotografia para além da visão, um ato fotográfico dado a partir da experiência, por outros sentidos

e construído através da proximidade de fotógrafo e fotografado, contribuindo com novas metodologias no ensino de artes visuais.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ensino de Artes Visuais, Experiência, Imagem.

**ABSTRACT:** The present work is a report of a teaching experience in Visual Arts of a “blind photography” workshop held at the 5th Week of the Performing Arts in the Degree of Theater Arts at the Federal Institute of Ceará-IFCE. We aimed for the interlocution between theory and practice in the teaching process in Visual Arts through research on the concept of experience in Bondía (2002), vision and image in Bavcar (1994) and Merleau-Ponty (2015) and photography in Dubois (1993). The main objective of this research was to propose a teaching of visual arts, specifically photography, that understands the production of images beyond the vision and that provides experiences instead of information. As a result of this activity, it was observed possibilities of construction and reflection on a photograph beyond vision, a photographic act given from experience, by other senses and built through the proximity of the photographer and the photographed object, contributing with new methodologies in the teaching of visual arts.

**KEYWORDS:** Teaching Visual Arts, Experience, Image.

## 1 | INTRODUÇÃO

A presente comunicação apresenta o recorte do projeto intitulado “Fotografia como um abraço com o real”, que vem sendo desenvolvido na área da pesquisa no ensino das Artes Visuais através de oficinas de fotografia que buscam outras formas de visualidades na linguagem fotográfica, o que chamamos de Fotografia Cega. Tais atividades vêm sendo desenvolvidas paralelas à graduação no Curso de Licenciatura em Artes Visuais (CLAV) do Instituto Federal do Ceará (IFCE) no contexto de ações que reverberam na formação inicial do artista-professor-pesquisador.

Como principais problemas norteadores dessa pesquisa estão: Como experimentar uma fotografia para além da visão, que incorpore outros sentidos e que aproxime o fotógrafo do ser fotografado, mesmo quando entre estes há um aparelho que instaura uma barreira de poder e que é programado a funcionar por um sistema visual? Estas perguntas nos motivam a pensar outra relação com a imagem, através de uma fotografia mais sensível e baseada na experiência. Assim destacamos que propor um ensino de Artes Visuais, em específico de fotografia, que entenda a produção de imagens para além da visão e que propicie experiências em vez de informações, se faz um objetivo principal desta pesquisa

Para isso iremos apresentar agora o resultado de uma oficina realizada na V Semana de Artes Cênicas-Artes integradas do IFCE, organizada pelo Curso de Licenciatura de Teatro no período de 29/03 a 01/04 de 2016, que nos dá uma dimensão prático/teórica para o estudo que se apresenta como uma pesquisa em Ensino de Artes Visuais em desenvolvimento. Alguns resultados parciais são observados através do estudo bibliográfico e de oficinas de Fotografia Cega.

Tomamos como referências teóricas e metodológicas autores que trazem reflexões acerca da experiência como BONDÍA (2002), da imagem como BAVCAR (1994), e da Fotografia em DUBOIS (1993).

## 2 | JUSTIFICATIVA

É inegável o quanto o mundo tornou-se imagético, o avanço tecnológico e as redes sociais estão aí para afirmar uma sociedade na qual as informações chegam numa velocidade nunca antes pensada e as imagens técnicas como fotografias e vídeos acabam por ocupar a preferência na informação em relação ao texto. Assim a enxurrada de informações que nos atravessam já é dada na sua maioria por imagens.

Acontece que nesta relação imagética do homem com o mundo, estabelecemos um olhar científico diante das coisas e parecemos também colocar a visão numa posição hierárquica maior dentre todos os outros sentidos, domesticando o corpo apenas ao que o olho vê e desestimulando relações de outras ordens sensoriais. Este

modo científico de olhar o mundo fazem da afetividade, sensibilidade e possibilidade de narrar algo cada vez mais escasso nos dias atuais, acabam também por organizar o mundo apenas em uma única lógica, esta quase sempre é o da representatividade, da imagem enquanto prova viva do real.

É questionando o ato fotográfico contemporâneo enquanto parte da sociedade dita da informação é que se pretende criar possibilidades de outras visualidades na fotografia, na busca da experiência, o qual, Bondía (2002) nos representa quando aborda o conceito de experiência afastado da informação, defendendo inclusive que uma somente pode existir quase que na ausência da outra, ou seja, afirmando que a informação é a antiexperiência e assim, procura pensar uma educação a partir do par experiência/sentido.

Na sociedade da informação o sujeito está transbordado de acontecimentos, fragmentado num tempo onde a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece, BONDÍA (2002). O anseio pelo saber é inesgotável e exige um posicionamento ativo e visceral diante do mundo. Diferentemente do sujeito da informação, o da experiência é defendido pelo autor, como território de passagem, como um corpo sensível para que os acontecimentos imprimam em sua vida afetos e marcas, como uma câmera imprime o mundo no papel.

É nessa relação da visão enquanto receptora de conhecimentos que a sociedade moderna se fundamenta e torna o olhar cada vez mais científico. Neste sentido enquanto o mundo moderno, pautado pela visão, dá um passo enorme na criação de tecnologias e informações, se distancia da experiência. É interessante relacionar este conceito de olhar ativo e racional com o de experiência em Bondía (2002), pois para este a experiência não pode ser captada a partir de uma lógica da ação, mas sim de um corpo passional que é arrebatado pelo acontecimento, por isso a experiência só pode ser concebida enquanto uma paixão.

Partindo desta lógica, passamos a pensar aqui uma outra relação com a visão, uma que distante da racionalidade (da luz) esteja mais próxima dos afetos e sensibilidades e para Bavcar (1994) mais próxima da escuridão. Filósofo e fotógrafo Esloveno, Evgen Bavcar ficou cego ainda criança e assim, desenvolveu uma outra relação com a imagem. Para o autor e fotógrafo a visão física é uma atitude de distanciamento diante do mundo, não pode ser considerado como um olhar da verdade pois apenas o tato pode confirmar a presença de determinado objeto. Neste sentido Bavcar (1994) defende que é imprescindível entender a visão não só a partir da luz, mas a partir da escuridão afinal, para ele as trevas são como a pré-imagem da luz, condicionam a instauração da luz.

A partir disso é possível criar entrelaçamentos e reflexões sobre a proliferação de imagens em que se cerca a sociedade contemporânea: Atravessados de luzes e imagens por todos os lados já confundimos a representação das coisas com a realidade, vivenciamos o mundo a partir da sua representação, que para Bavcar (1994) este excesso de luz obscurece a possibilidade de se pensar outras visualidades, outra luz.

Após essa reflexão, estamos certo de que procuramos aqui entender a visão não como um ato isolado do resto do corpo, não como um ato que assume postura hierarquizada dos outros sentidos num mundo cada vez mais imagético, e sobretudo que cobra cada vez mais que cada milímetro seja percebido através dos olhos. Entendemos a visão aqui como um ato corpóreo que não acontece separadamente dos outros sentidos. Para isso trazemos como referencial teórico Merleau-Ponty (2015) ao pensar que o mundo visível e os projetos motores de um ser são partes totais do mesmo ser, assim o autor pensa que processos ópticos e estéticos, por exemplo, como “qualidade, luz, cor, profundidade, que estão a uma certa distância diante de nós, só estão aí porque despertam um eco em nosso corpo, porque este as acolhe” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.21). Concordando com o autor, acreditamos num corpo pulsante inserido numa paisagem, que absorve e reflete a espacialidade, a forma, a textura a partir da comunhão dos sentidos. Contudo, após este entendimento fica impossível pensar numa percepção do espaço que se dá apenas pela visão.

Diante deste quadro teórico apresentado e de toda a relação imagética em que nos encontramos, trazemos alguns problemas-chaves norteadores para a construção desta pesquisa: Como realizar uma fotografia para além da visão, que incorpore outros sentidos e que aproxime o fotógrafo do ser fotografado, mesmo quando entre estes há um aparelho que instaura uma barreira de poder e que é programado a funcionar por um sistema visual?

É levantando este questionamento que surge a pesquisa em Artes visuais, “A fotografia como abraço com o real”, título ensejado a partir do conceito apresentado por Dubois (1993), divide a fotografia em três categorias distintas, estas são definidas a partir de sua relação signica com a realidade. Na primeira categoria o autor define a fotografia como espelho do real e tem a mimese como força, a fotografia é tratada como cópia fiel de qualquer acontecimento, nesta categoria a fotografia apresenta uma relação mais icônica com o mundo. A segunda definida como “A fotografia como transformação do Real”, nega a primeira, esta acredita que jamais poderia ser possível uma cópia fiel da realidade, por isso a fotografia aqui estará associada mais a uma “operação de decodificação das aparências” (DUBOIS 1993, p 43), ou objeto de interpretação e desconstrução do real. Estas menos preocupadas com a verossimilhança buscam criar uma narrativa ou desconstruir padrões em cima do objeto fotografado. Esta categoria apresenta uma relação mais simbólica com o objeto ou evento fotografado. Já a terceira categoria tem como força o índice, a fotografia aqui é tratada como um indício de realidade, e se volta para os processos físicos e químicos e para a natureza técnica dos processos fotográficos a fim de afirmar a foto como impressão luminosa. Esta categoria afirma que a possibilidade de se fazer fotografia está intrínseca a materialidade do objeto que, sobre a ação da luz pode circunscrever sua imagem no aparelho fotográfico.

É importante frisar que estas distinções criadas por Dubois (1993) definem a imagem fotográfica a partir de categorias específicas e isoladas, e que hoje o próprio

autor entende que este pensamento pertenceu a um determinado período na história fotográfica e que hoje com os diversos meios e híbridos processos na linguagem fotográfica as relações entre os meios de produção imagética se misturam e ganham novas formas.

Assim acrescentamos ao pensamento de Dubois (1993) uma proposta de fotografia já existente nas metodologias técnicas do fotógrafo Esloveno Evgen Bavcar, esta proposta diferente das outras três correntes se atenta a romper a barreira de poder existente entre fotógrafo e fotografado, trazendo uma relação pautada no afeto, na sensibilidade e na proximidade e não necessariamente numa preocupação com o ícone, símbolo ou índice, sendo estas percepções não da ordem da visão, mas de todo o corpo. Assim o fotógrafo toca, cheira, ouve o que existe no mundo para só então decidir transformar suas sensações em fotografia. É neste discurso que acreditamos aqui que a escolha do título “A fotografia como abraço com o real” não vem para anular as teorias de Dubois (1993) já que pensamos que o ato de abraçar é ato de espelho, pois, ao abraçar sou abraçado o gesto é refletido; de transformação, pois ao abraçar transformo e sou transformado; e de traço, pois ao abraçar deixo marcas e recebo marcas do outro, do real.

Para a realização da oficina dentro da programação da V Semana das Artes cênicas, no curso Teatro no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará- campus Fortaleza, traçamos como principal objetivo compreender o aparelho fotográfico não apenas mecanicamente, mas articulando outros sentidos e sensações para além da visão. Paralelo a isso, buscamos também reeducar o olhar no instante do ato fotográfico, entender o corpo como produtor e receptor de percepções e instaurar relações de proximidade do fotógrafo com o ser fotografado.

Por fim colocamos como expectativas na realização destas oficinas importantes contribuições no que se refere ao ato fotográfico bem como ao estudo da imagem, resignificando os modos de ver e interagir/perceber com a paisagem e com o outro, incitando um olhar fotográfico mais sensível para as outras visualidades e trazendo reflexões sobre o mundo imagético no qual estamos inseridos. Assim pensamos que longe de ser uma pesquisa encaixotada em verdades e em resultados científicos, esperamos aqui que estes estudos se ramifiquem, sejam mais potentes em experiências do que em informações, tragam suscitações, conflitos, questionamentos e empoderamentos para que a pesquisa não se torne estática no tempo, engessando assim toda uma pluralidade de conhecimento. Descreveremos a seguir os processos e resultados das oficinas geradoras deste artigo.

### **3 | OFICINA NA V SEMANA DE ARTES NO CURSO DE TEATRO-IFCE**

A oficina de Fotografia Cega aconteceu na V Semana de Artes organizada pelo

Curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal do Ceará- Campus Fortaleza nos dias 31/03 e 01/04 com duração de três horas cada dia. A oficina contou aproximadamente com vinte participantes e foi uma troca de experiência bastante positiva, uma vez que alguns deles não tinham tanta prática com fotografia, entretanto trouxeram para o grupo experiências relacionadas ao corpo o que agregou bastante conteúdo para a pesquisa. Os dois dias de oficina foram divididos a partir de dois temas-chave: a fotografia enquanto produtora de visão, abordada no primeiro dia, e a fotografia enquanto produtora de outras visualidades no segundo dia. No primeiro dia foi construída com o grupo a câmara escura (brinquedo óptico que capta uma imagem invertida da realidade), a partir disso houve uma reflexão sobre como a fotografia desde então é ensinada a partir somente da visão. Um dos participantes falou que a fotografia parece está cada vez mais sendo experimentada a partir da visão, prova disso são os celulares touchscreen que, com sua superfície lisa, só pode ser acionado determinado botão se o usuário visualiza o ícone desejado. Na discussão foi falado também a necessidade atual de se registrar fotografias e de como é importante uma educação para o fazer e ler imagem pois só assim pode-se haver uma consciência na produção imagética.



Imagem 01: Criação da Câmara escura

Fonte: Arquivo pessoal.

No segundo dia de oficina o objeto da pesquisa aproximou-se da oficina, houve uma vivência prática com a fotografia cega. De início, numa roda de conversa falamos rapidamente de algumas estruturas básicas na câmera que tornam a técnica fotográfica possível: o ISO, obturador e diafragma: estes por muitas vezes são ensinados a partir da visão. Com isso fomos analisando e desconstruindo como essas estruturas poderiam ser ensinadas de maneira que todo o corpo pudesse participar no momento

do ato fotográfico. Assim pudemos pensar que os outros sentidos como a audição o olfato e o tato também podem ser importantes na escolha dessas estruturas, pois também são capazes de perceber a espacialidade a temperatura e as formas do local ou pessoa a ser fotografada. Assim o corpo não é submisso à visão no ato fotográfico, mas potente na sua completude. Após todas essas reflexões se deu início a prática da fotografia cega: a sala foi dividida em grupos e, foi sugerido que fizessem três fotos das suas sensações ao caminhar pelo espaço com os olhos vendados, enquanto o restante do grupo serviria de apoio e guia para quem estava vendado. Na atividade pontos de fundamental importância para o estudo acerca da educação de outra possibilidade fotográfica foram observados, agregaram para a pesquisa mais força e serão colocados a seguir:

Ao observar os participantes vendados fotografarem os espaços do IFCE, foi perceptível o quanto o corpo se faz presente no instante fotografado afinal a todo o momento quem estava vendado se curvava, abaixava, caminhava em passos curtíssimos sentindo o chão com o pé, tateando e reaprendendo um espaço já tão conhecido por eles visualmente. O corpo pulsava antes de qualquer desejo de fotografar, alguns colando os ouvidos na câmera buscavam escutar o mecanismo funcionando na hora do “click” e pareciam resignificar a posição do fotógrafo tradicional ao grudar o olho no visor. Outros criavam relações com outros alunos do campus do IFCE ao escutarem suas vozes, tocarem seus rostos e pedirem que falassem mais alto para que o som fosse usado como guia de enquadramento da foto. Além da relação entre fotógrafo e fotografado pôde se perceber também uma relação entre o fotógrafo e seu guia, relação esta que hora era estabelecida por conversas, hora por um braço que agarrava o guia ou pela independência ao permitir-se a uma “deriva cega”, confiando ao guia somente possíveis riscos de tropeções e quedas.

Por fim, foi feita uma troca das experiências vividas e de exibição das fotografias registradas, assim foi possível trazer para o público as questões acima citadas no instante do ato fotográfico bem como poder refletir que neste exercício a preocupação nas sensações são maiores que a de manter a estética tradicional da fotografia, uma vez que várias fotos saíram borradas sub ou superexpostas de luminosidade.

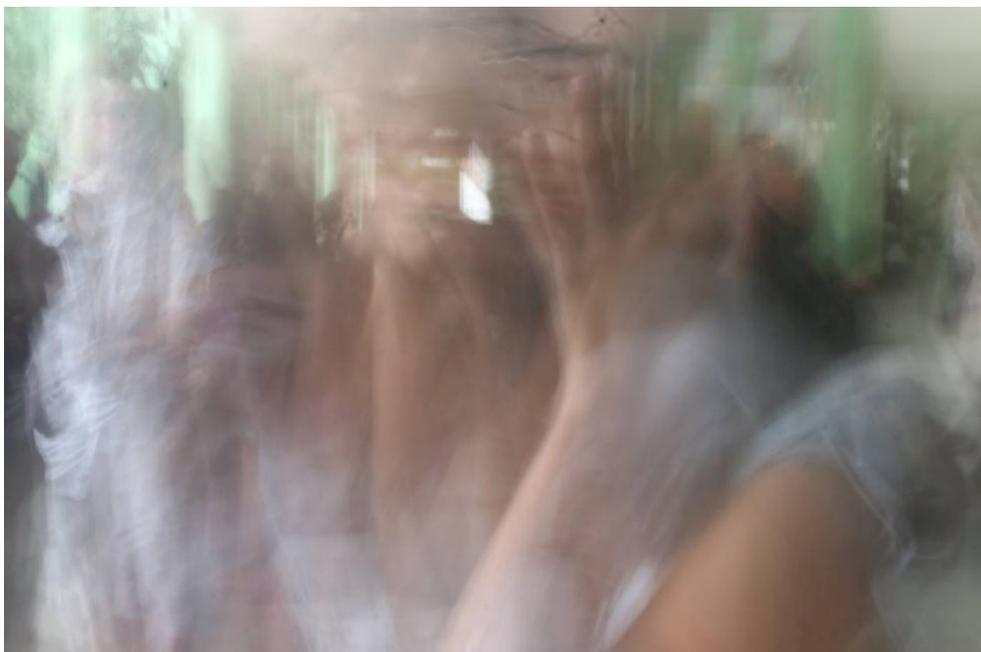


Imagem 02: Fotografia cega

Fonte: Arquivo pessoal.

#### 4 | METODOLOGIA E RESULTADOS

Longe de resultados da ordem quantitativa, esta oficina buscou muito mais resultados qualitativos para os questionamentos antes feitos sob forma de fundamentações empíricas. Para isso nos apropriamos da a/r/tografia como metodologia na realização desta atividade. Esta metodologia busca, segundo Dias e Irwin (2013) uma aproximação com a pesquisa qualitativa, colocando a criatividade como principal ativador para os processos de ensino/aprendizagem, neste processo se “ênfatiza a identidade do artista, do pesquisador e do professor” (DIAS e IRWIN, 2013, p 15). Assim, entendemos que nesta metodologia as práticas artísticas e pesquisas estão atravessados e se atravessam pela experiência do ensinar.

Instigamo-nos trabalhar com a a/r/tografia nestas atividades, pois esta se aproxima também dos processos de pesquisa das ciências sociais onde se privilegiam o diálogo, mediação, se aproxima dos sentidos e do corpo como produtor de visualidades. Assim concordamos com DIAS e IRWIN quando falam que nesta prática metodológica “o processo de investigação torna-se tão importante, às vezes até mais importante, quanto a representação dos resultados alcançados”. (DIAS e IRWIN, 2013, p 29).

Não podemos dizer se as pessoas aprenderam ou não a fotografia cega, e nem era de nossa pretensão isso, mas podemos dialogar com as reflexões acerca da fotografia que atravessaram os participantes durante o evento. Percebemos que esta atividade foi de fundamental importância e trouxe principalmente uma outra visão para o olhar fotográfico, isto pode ser comprovado na fala de um dos participantes que afirmou a força dessa atividade frente aos modos ainda comuns de se perceber a fotografia,

para ele essa atividade abria possibilidades também para a inclusão no ensino das Artes Visuais e ao comentar que no seu curso existe uma aluna cega, completou que a oficina tornou possível compreender um mundo a partir dos outros sentidos e entender melhor as necessidades dessa aluna. Outra participante sentiu-se contemplada com a possibilidade de poder discutir o corpo, sua matéria prima de pesquisa, dentro da fotografia e sugeriu uma próxima atividade mais prolongada. Como toda atividade desenvolvida, esta também teve alguns percalços que necessitam avaliação para um aprimoramento cada vez maior da abordagem metodológica. Um deles tem a ver com os poucos equipamentos obtidos em sala, o que em geral ocorre com oficinas de fotografia; e outro da ordem técnica: um projetor não funcionou. Para o primeiro existe uma solução menos idealista das coisas, tendo em vista que mesmo que a fotografia tenha se democratizado o acesso a seus equipamentos mais profissionais ainda é bastante difícil. Para isso entendemos que trabalhar com câmeras de celular e fotografia artesanal é uma possibilidade viável. Para o segundo percalço a solução é da ordem do planejamento, pois ter um segundo plano para esses momentos sempre é importante e fazem do educador um sujeito mais seguro dos contratemplos que aparecem pelo caminho. No mais entendemos que os objetivos da atividade foram alcançados e que o ensino da fotografia a partir dos outros sentidos e com base na experiência é sim possível e merecido num mundo ainda tão pouco percebido pelo corpo.

## 5 | CONSIDERAÇÕES

Consideramos que poder transitar entre a teoria e a prática nos processos de formação inicial em Licenciatura em Artes Visuais, levar a pesquisa artística para o campo docente em experiências como a apresentada, enriquece os processos de formação do futuro professor.

As experiências vividas nesta oficina ministrada no curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal do Ceará confirmam a importância de uma educação voltada para a imagem e mais ainda uma educação que seja potente nas experiências e não na informação. Esta ação, nos ajuda a repensar as formas de ver o mundo, essenciais na construção de uma sociedade mais sensível em cheiros, tatos, sabores, sons e visões. Repensar um corpo pulsante num mundo onde este se atrofia diante de tantas informações é acreditar numa educação que assim como as paixões e experiências, nos tocam, nos acontecem e nos preenchem de saberes sem que estes nos esvaziem.

## REFERÊNCIAS

BAVCAR, Evgen. **A luz e o Cego**. In Novaes, Adauto. **Artepensamento**. Companhia das

Letras. São Paulo-SP. 1994

BONDÍA, Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da Experiência**. Revista Brasileira de Educação. nº 19. Rio de Janeiro Jan. 2002

DIAS, Belidson e IRWIN, Rita. **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Ed UFSM. Santa Maria-RS. 2013.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Papirus, Campinas-SP. 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. Cosacnaify, São Paulo-SP. 2015.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Jeanine Mafra Migliorini** Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura e Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educadora há dez anos, iniciou na docência nos ensinos fundamental e médio na disciplina de Arte. Atualmente é professora da Unicesumar. Arquiteta e urbanista, desenvolve projetos arquitetônicos. Escolheu a Arquitetura Modernista de Ponta Grossa – PR como objeto de estudo, desde sua graduação. Produzindo pesquisa e material didático para o ensino de arte com essa temática.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-15-4

